



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

15 de novembro de 2017

Notícias do Dia
Capa e Especial
"Tecnologia melhora gestão"

Tecnologia melhora gestão / Saúde / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / SUS / Departamento de Comunicação e Expressão / Professor / Milton Vieira / Hospital / Software / WEknow / Secretaria de Estado da Saúde



DIAGNÓSTICO DA SAÚDE

Tecnologia melhora gestão

Solução para evitar erros

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) também está com a mão na massa para ajudar a aplicar novas tecnologias na melhoria do SUS. Um exemplo vem do departamento de Comunicação e Expressão. O professor Milton Vieira lidera o projeto que desenvolve um sistema para monitorar o dia a dia dentro de hospitais. É uma solução que vai rastrear diversos procedimentos de saúde, reduzindo erros. A partir de um chip, o sistema tem capacidade de rastrear medicamentos e equipamentos médicos, informando a localização e o uso que está sendo feito.

Soluções para a crise que o Estado enfrenta passam pela utilização de softwares que enxergam o sistema em tempo real

DANIEL CARDOSO ESPECIAL PARA O NOTÍCIAS DO DIA

Uma tecnologia recente está revolucionando o modo como a Secretaria de Estado da Saúde acompanha o dia a dia dos hospitais e instituições conveniadas. É o WeKnow. O software captura informações inseridas no sistema interno das unidades de saúde e entrega relatórios em tempo real aos gestores de todo o Estado.

Com a tecnologia, é possível visualizar em poucos segundos quantos pacientes estão em atendimento nos prontos socorros, quantos leitos estão vagos em cada hospital, quais médicos estão trabalhando e muitas outras informações. Tudo isso em tempo real.

“É uma ferramenta de gestão poderosa. Graças à precisão dessas informações, conseguimos tomar decisões mais assertivas, organizar o planejamento e fazer intervenções pontuais para melhorar o atendimento à população”, afirmou o gerente de Custos e Resultados da Secretaria, Greici Weinzierl Gonzalez.

Apesar de estar em operação há poucos meses, o programa já impactou na Saúde. A secretaria criou uma espécie de sala de situação. É um grupo de funcionários que monitora os dados em tempo real. Quando percebe algo fora do padrão ou fora dos protocolos, entra em contato direto com a diretoria do hospital.

Um exemplo ocorreu quando um paciente estava na emergência há mais de 12 horas (tempo limite para atendimento). A equipe da Secretaria entrou em contato com o hospital e alertou sobre o problema. Em seguida, a equipe da emergência foi acionada para resolver a questão.

“Desde a chegada do software, fizemos algumas checagens in loco. Percebemos que o que o software nos informa é exatamente o que está acontecendo na realidade”, ressaltou Greice.

Outro exemplo das vantagens do software: Um dos relatórios do sistema mostrou que um grupo de medicamentos de alto custo estava com o prazo de validade por vencer. Diante dessa informação, o produto foi redistribuído para outras unidades. A mobilização evitou o desperdício de mais de R\$ 10 mil.

O software saiu a custo zero e foi customizado pela mesma empresa que já presta serviço para a secretaria na manutenção de sistemas. ■

Sistema em desenvolvimento ou implantação terá impacto no atendimento nos hospitais

Diário Catarinense Capa e Rafael Martini

“Lista para o novo reitor tem prazo até 1º de março”

Lista para o novo reitor tem prazo até 1º de março / UFSC / Lista tríplice / Universidade Federal de Santa Catarina / Consulta / Conselho Universitário / MEC / Operação Ouvidos Mucos / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Morte / Ubaldo César Balthazar / Reitor pro tempore



Lista para o novo reitor tem prazo até 1º de março

A lista tríplice com indicação dos nomes para reitor da Universidade Federal de Santa Catarina deverá estar na mesa do ministro da Educação até o dia 1º de março. A informação foi confirmada por Paulo Barone, secretário de Educação Superior do MEC, com exclusividade à coluna. Ou seja, na prática restam cerca de três meses e meio para que a comunidade acadêmica organize a chamada consulta (votação de alunos, professores e servidores) em três nomes.

Os mesmos deverão ser chancelados pelo Conselho Universitário da UFSC e enviados a Brasília até 1º de março. Até agora, a informação que circulava por Santa Catarina era de que o prazo dado pelo MEC tinha sido abril.

De Brasília, por telefone, Barone garantiu estar acompanhando atentamente todo o desenrolar da crise na universidade desde o início da Operação Ouvidos Mucos. Disse lamentar profundamente a morte do reitor Luiz Carlos Cancellier, mas evitou comentários sobre o episódio.

- Nossa missão é contribuir para a retomada da normalidade nas atividades da UFSC - contou.

Sobre a escolha do professor Ubaldo Balthazar como reitor pro tempore, diante do afastamento da vice reitora para tratamento de saúde, Barone



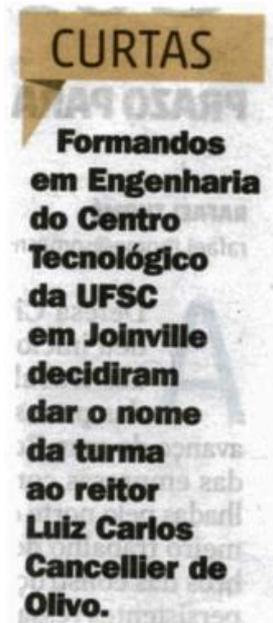
CRISTIANO ESTRELA, BR, 14/9/2017

também explicou que ambos conversaram recentemente para alinhar nos próximos passos tanto do posto de vista administrativo quanto burocrático. A oficialização de Balthazar como reitor deve ser publicada no Diário Oficial da União dos próximos dias. Até lá ele responde somente pela gestão. Ao menos sob o ponto de vista oficial.

O fato é que a comunidade acadêmica da UFSC tem aí cerca de 100 dias para organizar o processo sucessório como a definição dos candidatos a reitor (precisa ser professor com no mínimo doutorado), organizar a consulta à comunidade acadêmica que envolve cerca de 50 mil pessoas, votar e referendar a lista no conselho universitário. Considerando o período do ano, não resta dúvida de que a UFSC já corre contra o relógio para a escolha do próximo reitor ou reitora.

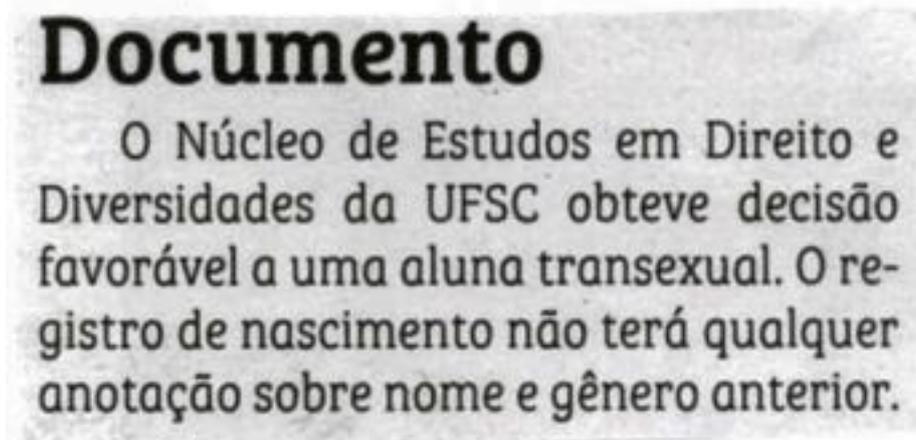
Diário Catarinense e A Notícia
Moacir Pereira
"Curtas"

Curtas / Formandos / Engenharia / Centro Tecnológico / UFSC / Joinville /
Nome da turma / Reitor / Luiz Carlos Cancellier de Olivo



Notícias do Dia
Fabio Gadotti
"Documento"

Documento / Núcleo de Estudos em Direito e Diversidades / UFSC / Decisão favorável / Aluna transexual



**Notícias do Dia
Cidade**
"Mudanças na UFSC"

Mudanças na UFSC / Chefe de gabinete / Retorno ao cargo / Corregedoria-Geral / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Rodolfo Hickel do Prado / Áureo Moraes / Alacoque Lorenzini Erdmann / Conselho Universitário / Ubaldo César Balthazar / Reitor pro tempore / Desvio / Bolsas de estudo / EaD / Ensino a Distância / Reitor / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Polícia Federal / Inquérito / Advogado / Processo / CGU / Corregedoria-Geral da União

Mudanças na UFSC

Chefe de gabinete retorna ao cargo e assume processos administrativos da Corregedoria-Geral

FÁBIO BISPO
fabiobispo@noticiasdodia.com.br

O afastamento por motivos de saúde do corregedor-geral da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Rodolfo Hickel do Prado, por 61 dias, fez com que todos os processos que tramitavam naquele setor fossem transferidos temporariamente para o chefe de gabinete Áureo Moraes, que retornou ao cargo na semana passada. Moraes chegou a afastar o corregedor por meio de portaria no dia 20 de outubro, mas pediu exoneração depois que a reitora em exercício, Alacoque Erdmann, anulou o ato. Dez dias depois, Alacoque pediu afastamento também por motivos de saúde por 60 dias.

Na semana passada, após o Conselho Universitário escolher o professor Ubaldo César Balthazar para assumir a reitoria pro tempore até novas eleições, com prazo até abril de 2018, toda a equipe de pró-reitores e secretários que também tinham colocado seus cargos à disposição por discordarem da anulação do afastamento do corregedor retornaram aos postos. Balthazar já ocupava o cargo de reitor interinamente por conta do afastamento de Alacoque.

Prado é peça central nos acontecimentos mais recentes da universidade. Foi ele quem instaurou o processo administrativo que investiga o desvio de bolsas de estudos do programa de EaD (Ensino a Distância), no

qual apontou interferência do então reitor Luiz Carlos Cancellier de Olivo. A investigação serviu como base para o inquérito da Polícia Federal, que no dia 14 de setembro expediu mandado de prisão temporária contra Cancellier e outros seis professores e servidores da universidade.

A informação sobre o novo regime de tramitação dos processos administrativos veio do próprio chefe de gabinete: "As questões disciplinares e correccionais ficam sob prerrogativa da chefia de gabinete. Ou seja: o trabalho da corregedoria continua 'sob nova direção'". O caso dos desvios das bolsas dos cursos de EaD foi avocado pela CGU (Corregedoria-Geral da União) e está sendo analisado em Brasília. ●

Revista Veja
Capa, Carta ao leitor e Geral
"Crônica de um suicídio"

Crônica de um suicídio / Arbitrariedade / Reitor / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Prisão / Investigações / Erros / Shopping Beiramar / Humilhação / Polícia Federal / PF / Operação Ouvidos Moucos / Desvio / Verbas / Ensino a Distância / EaD / Delegada / Érika Mialik Marena / Obstrução das apurações / Irmão / Julio Cancellier / Acioli Cancellier / Mikhail Cancellier / Desembargador / Lédio Rosa de Andrade / Centro de Ciências Jurídicas / Nelson Wedekin / Osvaldir Ramos / Bilhete / Amanda Rufino / Psiquiatra / João dos Passos / Procurador-Geral do Estado / Cristiana Jacquenin / Ex-mulher / Taisa Dias / Coordenadora EaD do curso de Administração / Rodolfo Hickel do Prado / Corregedor / Zé / Garçon / Capes / Carlos Lenuzza / Secretaria de Educação a Distância / Fapeu / Juíza / Janaina Cassol Machado / 1º Vara da Justiça Federal / Marjorie Freiburger / Nívea Cademartori / Advogada





PROTESTO NO CÂMPUS O cartaz denuncia a arbitrariedade cometida contra o reitor: dúvida sobre as instituições

OS ERROS E A TRAGÉDIA

A NOVA ERA DE INVESTIGAÇÕES de corrupção que o Brasil passou a viver desde o lançamento da Lava-Jato trouxe uma certeza unânime e algumas dúvidas. A certeza é que a tradicional impunidade dos crimes de colarinho-branco não fez nada bem ao país, e o combate a esse tipo de ilegalidade precisa ser severo e incessante. Entre os questionamentos, está o inescapável debate sobre a

correção da atuação da trindade institucional que mais lida com o assunto: a Polícia Federal, o Ministério Público e a Justiça.

Foi nesse contexto que houve um choque quando o reitor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Luiz Carlos Cancellier de Olivo, cometeu suicídio, em 2 de outubro. Preso e, depois de solto, proibido de entrar no câmpus da UFSC, Cancellier aca-

bou pondo fim à própria vida diante da suprema humilhação que enfrentou, o que levanta questões sobre a forma como foi tratado pelas instituições.

Para jogar luz no caso, VEJA destacou dois profissionais experimentados: Monica Weinberg, chefe da sucursal carioca da revista, e o editor Thiago Prado, também baseado no Rio de Janeiro, que se transferiu por alguns dias para Florianópolis, onde Cancellier se suicidou. A apuração de VEJA aponta os erros nas investigações, tão açodadas que, passado um mês da morte do reitor, não trouxeram nenhum indício consistente do que quer que seja.

Durante 24 dias, os jornalistas de VEJA deram noventa telefonemas e fizeram 33 entrevistas, que somaram setenta horas. Com alguns dos personagens da tragédia, chegaram a conversar diariamente para reconstituir situações, tirar dúvidas e checar detalhes capazes de dar ao leitor a melhor versão

possível do que aconteceu. Para medir a distância entre o apartamento do reitor e o câmpus, por exemplo, Prado contou o número de passos do caminho: 230 — para ter certeza, foi e voltou três vezes.

Apenas dez pessoas se recusaram a conversar com VEJA, por motivos diversos. Entre as mais de três dezenas que receberam a reportagem, muitas tiveram dificuldade de abordar um assunto tão pungente. “Algumas se sentiram, de certa forma, aliviadas por poder falar. Outras foram se abrindo aos poucos”, diz Monica. Seguindo cada pista, VEJA chegou à derradeira foto do reitor, ao laudo da psiquiatra que o atendeu, à última pessoa com quem ele conversou, aos dois conhecidos que cruzaram seu trajeto até o shopping Beiramar e à descrição detalhada das imagens da câmera de segurança do shopping que registrou seu salto para a morte.

A reportagem começa aqui ➔.



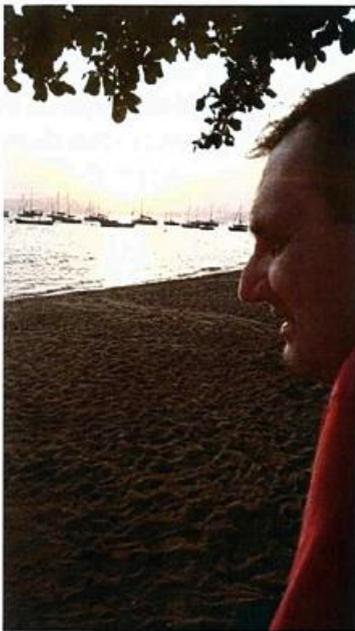


CRÔNICA DE UM SUICÍDIO



Os dezoito dias de tormento do reitor que, levemente acusado de integrar um “esquema criminoso”, foi preso, banido do câmpus e derrotado pelo peso da humilhação

MONICA WEINBERG E THIAGO PRADO



O FIM DA VIDA

Memória: a última foto do reitor Cancellier, ao pôr do sol à beira-mar, foi feita pelo irmão cinco dias antes do suicídio, durante um passeio em que ele tentava tirá-lo do fundo do poço

Na noite do domingo 1º de outubro, um antigo cliente do Macarronada Italiana, de onde se avista a deslumbrante Baía Norte de Florianópolis, entrou no restaurante à procura de Zé. O garçom José de Andrade, de 63 anos, irrompeu no salão e aproximou-se para registrar em seu bloquinho o pedido de sempre do freguês de quase quatro décadas: talarim à bolonhesa.

— Não, Zé, hoje só vim te ver e tomar um café contigo.

O garçom percebeu um timbre diferente e retrucou:

— Te conheço, Cau. Você está bem?

Cau não estava bem, mas desconversou. Reclinou sua vasta figura de 1,90 metro e 85 quilos sobre o balcão e tomou um expresso em companhia de Zé, que percebeu outra estranheza: o silêncio incomum e prolongado do interlocutor. Dez minutos depois, Cau deu-lhe um abraço apertado, um beijo na bochecha esquerda e disse “adeus”.

Dali, Cau foi ao Shopping Beiramar, uma caixa de concreto de sete andares, subiu até o último piso e andou em torno das escadas rolantes mirando lá embaixo, como quem calcula o território.

Caminhou duas, três, cinco vezes ao todo. E decidiu ir ao cinema. Assistiu a *Feito na América*, o mais recente filme de Tom Cruise, e voltou para casa. No dia seguinte, na última manhã de sua vida, Cau deixou seu apartamento, no bairro de Trindade, e pegou um táxi. No meio do caminho, talvez à espera de que o shopping abrisse as portas, às 10 horas, encerrou a corrida na Praça dos Namorados, onde costumava levar o filho quando pequeno. Sentou-se num banco. Uma conhecida o cumprimentou, ele perguntou as horas. Eram 9h20. Quando o shopping abriu, Cau não demorou a chegar. Cruzou com um estudante universitário, a quem saudou protocolarmente, e tomou o elevador até o 7º andar. As câmeras de segurança do shopping captaram o momento em que Cau, sem nenhuma hesitação, se postou na escada rolante, colocou as mãos no corrimão de borracha, em seguida subiu ali com os dois pés — e jogou-se no vão da escada, projetando-se no precipício. Despencou de uma altura de 37 metros, a uma velocidade de 97 quilômetros por hora. Seu corpo bateu no chão como se tivesse 458 quilos. Ele morreu na hora, às 10h38 de 2 de outubro de 2017.

O suicídio de Luiz Carlos Cancellier de Olivo, aos 59 anos, o Cau, reitor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), foi o desfecho trágico de dezoito dias dramáticos. Sua vida começou a desabar na manhã de 14 de setembro, quando agentes da Polícia Federal deflagraram a Operação Ouvidos Mudos, com o objetivo de apurar desvios de verbas para cursos de ensino a distância na UFSC. Às 6h30 daquela quinta-feira, o reitor ouviu tocar a campainha de seu apartamento e, enrolado em uma toalha de banho, abriu a porta para três agentes da PF, que subiram sem se fazer anunciar pelo porteiro do edifício. Os agentes traziam dois mandados — um de prisão temporária e o outro de busca e apreensão. Recolheram o tablet e o celular do reitor e conduziram-no à sede da Polícia Federal em Florianópolis, dentro de uma viatura.

Atônito, sem entender o que estava acontecendo, o reitor só se lembrou de chamar um advogado quando estava prestes a começar seu depoimento, às 8h30. Durante as cinco horas em que foi arguido, passou duas sem saber por que estava à beira da prisão. Ainda respondia a perguntas sobre os mean-

droso operacionais do ensino a distância, com o estômago embrulhado pelo jejum matinal e pelo tormento das circunstâncias, quando a delegada Érika Mialik Marena, ex-coordenadora da força-tarefa da Lava-Jato, à frente agora da Ouvidos Mucos, adentrou o local. Apressada para iniciar a coletiva de imprensa que começaria logo mais, Érika finalmente esclareceu ao interrogado o motivo de tudo aquilo: “O senhor não está sendo investigado pelos desvios, mas por obstrução das apurações”. E correu para comandar o microfone na sala ao lado.

Desde cedo, já voava nas redes sociais a notícia de que a Polícia Federal deflagrara uma operação de combate a uma roubalheira milionária na UFSC. A página oficial da PF no Facebook, seguida por 2,6 milhões de pessoas, destacava a Ouvidos Mucos: “Combate de desvio de mais de 80 milhões de reais de recursos para a educação a distância”. Ainda acrescentava duas hashtags para celebrar a ação: “#euconfionapf” e “#issoaquiépf”. A euforia não encontrava eco nos fatos. Na coletiva, a delegada Érika explicou que, na realidade, não havia des-

vio de 80 milhões de reais. O valor referia-se ao total dos repasses do governo federal ao programa de ensino a distância da UFSC ao longo de uma década, de 2005 a 2015, mas não soube dizer de quanto era, afinal, o montante do desvio. Como a PF não se deu ao trabalho — até hoje — de corrigir a cifra na sua página do Facebook, os 80 milhões colaram na biografia do reitor. Em seu velório, uma aluna socou o caixão e bradou: “Cadê os 80 milhões?”.

Encerrado seu depoimento, o reitor deveria ficar retido na sede da PF, mas, como a carceragem havia sido desativada, foi para a Penitenciária de Florianópolis, um complexo de quatro pavilhões construído em 1930. Acorrentaram seus pés, algemaram suas mãos e, posto nu, ele foi submetido a revista íntima. Um dos agentes ironizou: “Viu, gente, também prendemos professores!”. Cancellier vestiu o uniforme laranja, foi fichado e passou a noite em claro. Seus dois colegas de cela, presos na mesma operação, choravam copiosamente. Cancellier estava mudo, como que em transe, e cada vez mais sobressaltado com os rigores do cárcere. Ficou



OS CANCELLIER Da esquerda para a direita:
o irmão Julio, o filho, Mikhail, o outro irmão, Acioli, e o reitor

trinta horas na cela na ala de segurança máxima. Teve sintomas de taquicardia: suava muito e a pressão disparou para 17 por 8. Seu cardiologista foi autorizado a examiná-lo, trazendo os remédios que ele havia deixado em casa (desde dezembro, quando implantou dois stents, Cau tomava oito medicamentos).

Quando deixou a cela, Cancellier era um homem marcado a ferro pe-

la humilhação da prisão. Sua família o recebeu em clima de festa e alívio. Os irmãos, Julio e Acioli, tinham comprado de tudo um pouco no Macarronada Italiana para um jantar regado a vinho branco Cancellier, rótulo argentino escolhido pela similaridade com o nome de origem italiana da família. Também ali estava o filho do reitor, Mikhail, de 30 anos, doutor em direito como o pai, com quem ele manti-

nha um laço inquebrantável. Mas, entre piadas e risos, Cancellier exibia um semblante sem expressão. “Ele estava chocado. Revivia aquelas cenas o tempo todo”, lembra o irmão Julio, jornalista de 51 anos. Mais que tudo, o reitor estava sendo esmagado pelo peso da proibição de pisar na universidade até o final das investigações. A decisão fora tomada junto com o mandado de prisão e, para o reitor, soou como uma punição cruel.

Depois de ter visto seu nome nas manchetes do noticiário na internet e na TV, Cancellier deu boa-noite a todos e recolheu-se. Não era um homem aliviado pelo fim do martírio da prisão nem reconfortado pelo reencontro com a liberdade. Deixou o jantar como um derrotado. Um dos convivas, o desembargador Lédio Rosa de Andrade, de 58 anos, amigo da infância pobre passada em Tubarão, a 130 quilômetros de Florianópolis, percebeu o peso que o reitor carregava. “Ele entendeu que o episódio deixaria uma marca incontornável em sua biografia”, diz Andrade, colega de colégio de Cancellier.

A UFSC era uma extensão da casa do reitor. Seu apartamento, de três cômodos, onde viveu deze-

nove anos, dois deles casado e o restante na companhia do filho, fica a 230 passos do câmpus. Nos fins de semana, o reitor fazia uma ronda informal, bem à vontade em seu moletom. Na UFSC, ele teve, para os padrões acadêmicos, uma carreira meteórica. Em apenas dezoito anos, concluiu o curso de direito, fez mestrado, fez doutorado em direito administrativo, virou diretor do Centro de Ciências Jurídicas e, numa eleição acirrada, elegeu-se reitor — cargo que ocuparia por dezesseis meses. Na eleição, a paciência para tecer alianças foi arma decisiva em um jogo embaralhado. “Ele não era um orador brilhante, mas era um articulador que conseguia trazer para o mesmo lado gente de todos os espectros ideológicos”, define o amigo Nelson Wedekin, de 73 anos, ex-senador pelo PMDB local.

Desde a juventude, a rotina universitária era a bússola da vida de Cancellier. Em 1977, aos 19 anos, época em que fazia política estudantil com o cabelo desgrenhado e bolsa de couro a tiracolo, ele se encantou com a universidade. “Não quero nunca sair daqui”, confessou ao amigo Osvaldir Ramos, hoje presidente do Conselho Estadual

de Educação em Santa Catarina. Acabou forçado a sair, no regime militar, em decorrência de sua militância no Partido Comunista Brasileiro, o antigo Partidão, e da chamada novembrada: em 30 de novembro de 1979, o presidente João Figueiredo, o último ditador do ciclo militar, baixou em Florianópolis, bateu boca com estudantes na rua e o episódio terminou em pancadaria e prisões. Cancellier teve de desaparecer da faculdade de direito. Ressurgiu cinco meses depois trabalhando em um jornal e acabou tornando-se assessor de políticos, inclusive de Wedekin, função que o levou a se mudar para Brasília. Só voltou à UFSC em 2000, aos 42 anos, para cumprir uma fulminante trajetória acadêmica — e ser de novo expelido da universidade, agora em plena democracia e na condição de reitor, num banimento que lhe pesou como uma suprema humilhação. No muro da universidade, um anônimo grafitou: “Fora Cancellier”.

“A humilhação é a bomba nuclear das emoções”, afirma a psicóloga alemã Evelin Lindner, uma autoridade mundial num ramo da psicologia que estuda o peso da vexação em sociedade e sua relação

com atos de violência — como o terrorismo e o suicídio, que, não por acaso, andam juntos. Se a culpa é uma dor que vem de dentro, a humilhação é como uma dor que vem de fora, imposta pelo olhar alheio. É sentida como uma falência em público. Sai cortando fundo no orgulho, na honra, na dignidade, e tende a ficar marcada como uma cicatriz. Escreve o psiquiatra Neel Burton, professor em Oxford e autor do livro *Heaven and Hell: The Psychology of the Emotions* (Céu e Inferno: a Psicologia das Emoções): “As pessoas que foram humilhadas carregam a marca da humilhação, são lembradas pela humilhação. Em um sentido muito real, elas se tornam a própria humilhação que sofreram”.

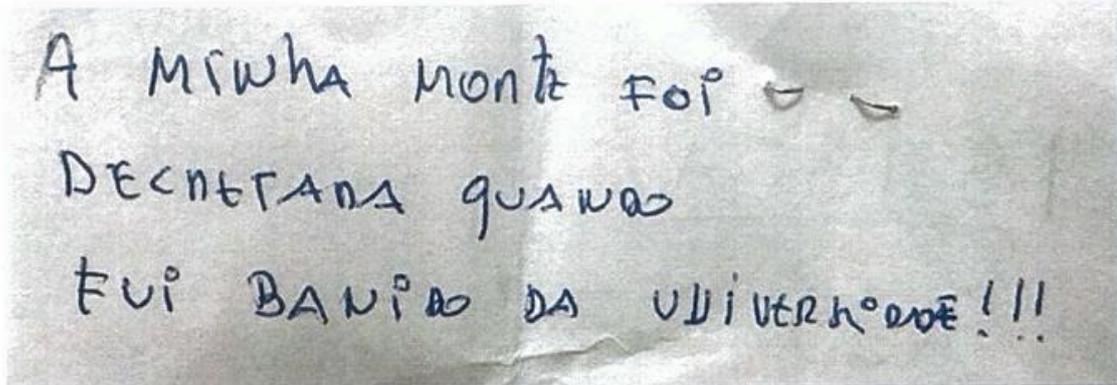
Os estudos científicos sugerem que, quando estão em jogo elementos que constituem a razão de ser de uma pessoa, como princípios, posição ou status, o peso da vergonha pode até desfigurar a identidade pessoal e tornar-se insuportável. “Em alguns casos, ser submetido a uma situação vexaminosa gera condutas irracionais e pode desencadear uma resposta violenta, como o suicídio”, diz o professor Helio Deliberador, do



CENAS DO PASSADO Em sentido horário: Cancellier no casamento com Cristiana, em 1986, apenas dois meses depois do primeiro encontro; no estilo bicho-grilo aos 22; na solenidade de posse no cargo de reitor, seu orgulho, em maio de 2016; e aos 12, com o irmão Acioli, oito anos mais velho



HENRIQUE ALMEIDA/AGECOM/UFSC/ DIVULGAÇÃO



ADEUS Acima, um dos quatro bilhetes que o reitor deixou: o banimento da universidade destruiu suas últimas defesas

departamento de psicologia social da PUC de São Paulo. O filho mais velho de Bernard Madoff, um dos nomes mais cintilantes de Wall Street, suicidou-se depois da descoberta de que seu pai era, na verdade, um farsante que aplicara golpes bilionários. Jacinta Saldanha, enfermeira em um hospital onde a duquesa Kate esteve internada em 2012, caiu no trote de radialistas australianos que se fizeram passar pela rainha da Inglaterra, facilitou o acesso a dados sobre o estado de saúde da duquesa e foi publicamente achincalhada. Matou-se aos 46 anos. Como escreveu Albert Camus em *Mito de Sísifo: Ensaio so-*

bre o Absurdo: “Matar-se, em certo sentido, é confessar que se é ultrapassado pela vida e que não a compreendemos”.

Nos dias que se seguiram à sua soltura, Cancellier começou a ser ultrapassado pela vida. “Passou a alternar momentos em que achava que ficaria tudo bem com outros em que mergulhava no desânimo”, diz o ex-senador Wedekin. Em 16 de setembro, dois dias depois da prisão, seu irmão Acioli levou-o para falar com advogados. Ao entrar e sair do táxi, Cancellier tremia, com medo de ser reconhecido na rua e hostilizado. Com o celular confiscado pela PF, quase não atendia o telefone fixo de casa. Não ligava a TV e, ao irmão Julio, disse que cometera “suicídio digital”, pois retirara fotos do Facebook e parara de nave-

gar nas redes sociais. Ensimesmou-se a tal ponto que os irmãos decidiram levá-lo a uma psiquiatra, a primeira vez na vida que buscava ajuda dessa natureza.

A consulta com a médica Amanda Rufino ocorreu em 19 de setembro, cinco dias depois da prisão. Ele saiu de lá com o diagnóstico de “sintomas de stress pós-traumático desencadeados por impactante fator estressor no âmbito profissional” e um quadro de “intensa sensação de angústia, de opressão no peito e taquicardia”. A psiquiatra prescreveu um ansiolítico e um antidepressivo, ambos em doses moderadas. Cancellier tomou obedientemente os remédios e voltou à médica em 29 de setembro, a três dias do suicídio. Ao final da segunda consulta, a psiquiatra comentou com um dos irmãos do reitor que a situação parecia sob controle. “O quadro está evoluindo bem”, disse. A João dos Passos, procurador-geral do estado, o reitor deu uma pista do que sentia: “Vou te confidenciar, João. Meu estado é de pós-catástrofe, como se eu fosse o sobrevivente de uma queda de avião. Não consigo me situar, raciocinar direito”. O amigo Lédio Andrade,

com quem o reitor jogava xadrez, descreve um Cancellier irreconhecível: “Seu raciocínio ficou lento e os olhos fixavam o infinito. Não parecia o Cau”.

Em situações normais, o reitor tinha entusiasmadas conversas sobre Shakespeare, Freud e o cristianismo, temas que despertavam sua curiosidade intelectual. Agora, nada parecia atrair seu interesse. O irmão Acioli, engenheiro que mora em São José dos Campos, tentando tirá-lo da clausura de si mesmo, alugou um Fiat Uno e provocou: “Agora você vai me mostrar essa ilha”. Era sempre o irmão ao volante, pois Cancellier, apesar de ter carteira de motorista, só dirigia moto. Nesses passeios, o reitor até relaxava, mas logo voltava a cerrar-se em casa.

Em Foz do Iguaçu, sua ex-mulher, Cristiana Jacquenin, de 48 anos, externou seu temor aos mais chegados: “Tenho medo do que ele possa fazer. Ele não vai aguentar ficar longe da universidade, é a vida dele”. Crica, como Cancellier a chamava, foi uma paixão fulminante — em dois meses, eles subiram ao altar, ele com 28 anos, ela com 18. Conheceram-se no jornal *O Estado* (que já não existe) e, ape-

sar da separação, mantiveram um elo até o fim. Ela afirma: “Aquela humilhação toda atingiu o Cau. Era como se alguém acertasse com uma bazuca uma escultura de pecinhas bem encaixadas que nunca mais se rearranjariam”.

A Polícia Federal pediu a prisão de Cancellier e outras seis pessoas da UFSC com base em um relatório de 126 páginas. Nele, o reitor é acusado de tentar obstruir as investigações da universidade sobre os desvios de dinheiro com base em apenas dois depoimentos. Em um deles, Taisa Dias, coordenadora do curso de administração, contou à polícia que, certo dia, levou ao reitor suspeitas de uso indevido de verbas no curso que coordena. Cancellier, segundo ela, perguntou se aquilo não seria um “problema de gestão” e, em seguida, lhe disse o seguinte: “Guarda essa pastinha”. Taisa entendeu que, com essa frase, o reitor estava querendo enterrar as investigações. A Polícia Federal, por sua vez, considerou a interpretação de Taisa como uma suspeita suficientemente clara de que Cancellier queria embolar a apuração. A defesa do reitor admite a conversa com Taisa, mas afirma que, ao dizer “guarda

essa pastinha”, ele queria lhe pedir apenas cautela nas apurações e nas acusações. Ao reitor, nada foi perguntado sobre suas intenções, antes de ele ser preso.

O outro depoimento foi prestado pelo corregedor da UFSC, Roldolfo Hickel do Prado, um senhor calvo de olhos claros que nunca altera o tom de voz e fez fama de investigador obsessivo no câmpus da universidade. Em novembro do ano passado, o centro acadêmico da faculdade de engenharia postou no Facebook um texto que dizia que a universidade mantinha uma lógica desigual, punitiva para alunos e benevolente para professores. Hickel do Prado debruçou-se sobre a questão. Queria entender o que era aquela lógica desigual. Convocou nada menos do que uma centena de estudantes para depor. A apuração se encerrou sem nada concluir, mas ajudou a sublinhar sua fúria investigativa. Aos que lhe censuram o ímpeto de xerife, Hickel do Prado rebate com segurança pétrea: “Quem faz tudo certo não tem por que ter medo de nada”. (Na terça-feira 7, o corregedor pediu licença médica de dois meses da universidade.)



EDUARDO MARQUES/TEMPO EDITORIAL

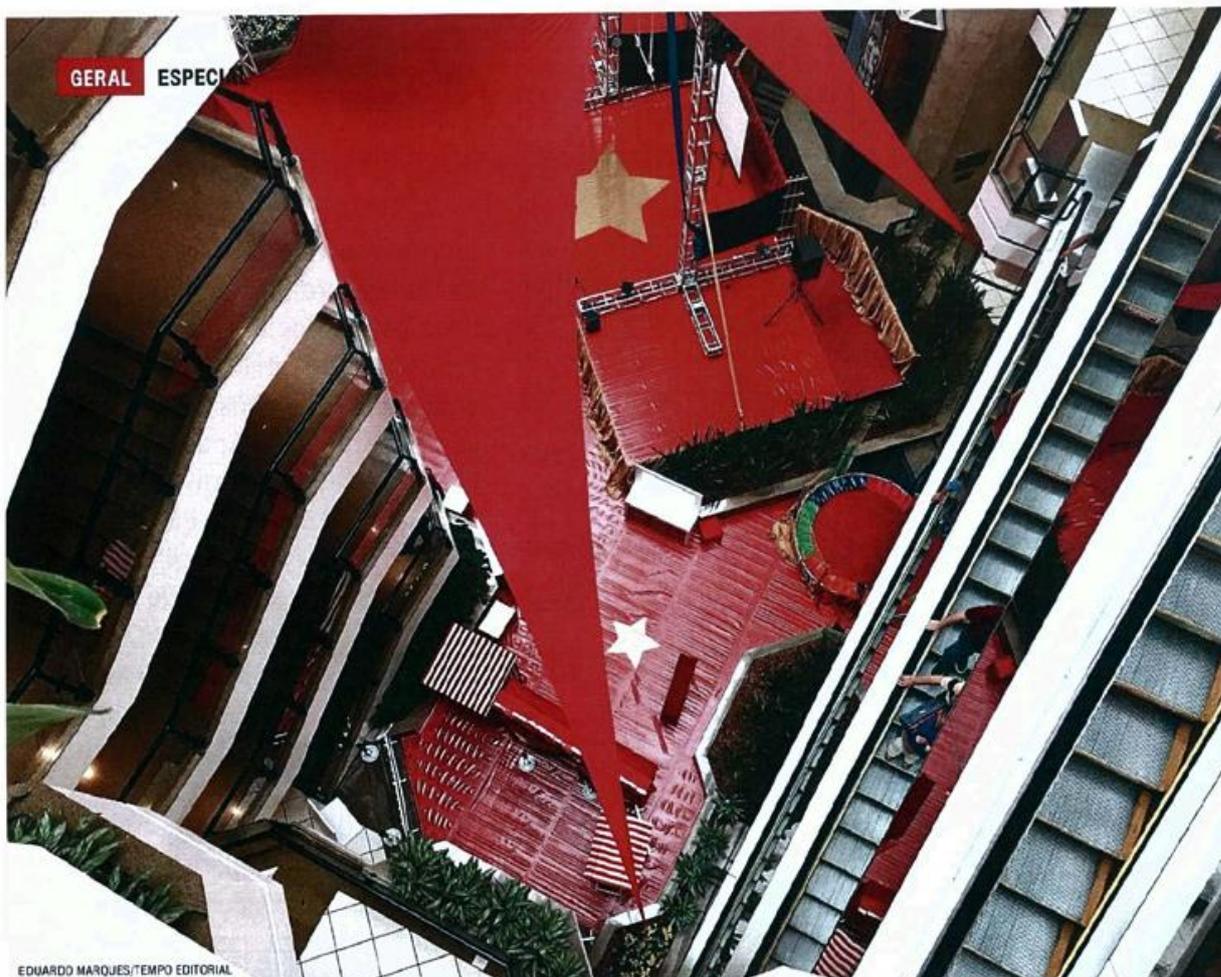
“Tomamos café, ele me abraçou, me beijou na bochecha e disse adeus. Estava diferente.”

Zé, o amigo garçom

Em seu depoimento, Hickel do Prado fez cinco acusações ao reitor. Disse que ele lhe recomendou que instalasse uma sindicância, em vez de abrir um processo administrativo, e tentou subordiná-

lo a uma secretaria ligada à reitoria. (A defesa do reitor confirma as duas providências, mas diz que eram uma tentativa de evitar os conhecidos excessos do corregedor, e não de sabotar a investigação.) Também afirmou que ele cortou sua remuneração numa “tentativa de constrangê-lo”. (A defesa do reitor afirma que houve uma ampla reforma na UFSC com cortes na remuneração de vários cargos comissionados, e não uma medida exclusiva contra o corregedor.) Ainda acusou o reitor de tê-lo chamado para uma conversa reservada na qual lhe pediu que não apurasse as suspeitas. (A defesa do reitor nega que a conversa tenha existido.) E, por fim, disse que ele lhe pediu para ter acesso formal às investigações depois de ter visitado a Capes, órgão federal que financia o sistema de pós-graduação no Brasil, que havia acabado de cortar as verbas para o programa de educação a distância da UFSC. (A defesa do reitor confirma que ele pediu acesso às investigações exatamente para saber as razões que levaram a Capes a cortar as verbas.)

A polícia não ouviu as explicações do reitor, antes de pedir sua



O VÃO FATAL Visão do 7º andar do shopping Beiramar, em Florianópolis: queda de 37 metros e morte instantânea

prisão. Ainda que os dois depoimentos se limitassem a acusá-lo de tentar obstruir as investigações, a polícia incluiu o nome do reitor em uma lista de doze pessoas suspeitas de terem tido “efetiva participação na implementação, controle e benefício do esquema criminoso”. Não há no inquérito nenhum indício ou acusação de que o reitor fosse membro do “esquema criminoso”, nem

mesmo a descrição do que poderia vir a ser esse “esquema criminoso”. VEJA perguntou à Polícia Federal por que Cancellier foi apontado como integrante da quadrilha, mas a PF preferiu não responder.

No final do relatório, na página 123, estão as cinco razões para prender o reitor. O texto afirma que ele:

■ “Criou a Secretaria de Educação a Distância para estar acima do já

existente Núcleo Universidade Aberta, vinculando-a diretamente à reitoria.” (O inquérito não traz nenhuma prova de que a criação da secretaria tenha relação com desvios de verba.)

■ “Nomeou no âmbito do EaD (*educação a distância*) os professores do grupo que mantiveram a política de desvios e direcionamento nos pagamentos das bolsas do EaD.” (O reitor, ao assumir o cargo, fez mais de cinquenta nomeações. No âmbito do EaD, fez apenas três, e outros três professores que já integravam o grupo antes mesmo de sua gestão foram mantidos.)

■ “Procurou obstaculizar as tentativas internas sobre as irregularidades na gestão de recursos do EaD.” (O inquérito, neste caso, baseia-se no depoimento da coordenadora Taisa Dias e do corredor Hickel do Prado.)

■ “Pressionou para a saída da professora Taisa Dias do cargo de coordenadora do EaD do curso de

administração.” (É uma afirmação gratuita. O inquérito não informa de onde saiu essa suspeita nem aponta nenhum elemento que lhe dê consistência.)

■ “Recebeu bolsa do EaD via Capes e via Fapeu.” (O inquérito também não informa de onde saiu essa suspeita, nem mesmo se existiu alguma irregularidade na concessão das bolsas.)

A juíza Janaína Cassol, da 1ª Vara Federal de Florianópolis, analisou o pedido da PF em 25 de agosto e concedeu as prisões. Sobre o reitor e os outros seis acusados, ela escreveu: “Essas pessoas podem efetivamente interferir na coleta

**Aos irmãos,
o reitor
escreveu
que os amava,
mas a dor que
o dilacerava
era maior
do que tudo**

das provas, combinar versões e, mais do que já fizeram, intimidar os docentes vitimados pelo grupo criminoso”. Em 12 de setembro, a juíza pediu licença por problemas de saúde e foi substituída por Marjorie Freiburger. Dois dias depois, em 14 de setembro, a polícia lan-

çou a Operação Ouvidos Moucos e prendeu o reitor e os outros seis. No dia seguinte às prisões, a juíza Marjorie Freiburger, sem que houvesse recurso da defesa do reitor e dos outros seis, resolveu revogar a decisão de sua colega e suspendeu as prisões. Ao contrário da antecessora, a juíza Marjorie não conseguiu ver motivo para tê-los levado para a penitenciária. Escreveu ela: “No presente caso, a delegada da Polícia Federal (*refere-se a Érika Marena*) não apresentou fatos específicos dos quais se possa defluir a existência de ameaça à investigação e futuras inquirições”. Mandou libertar todo mundo. Até hoje, a advogada do reitor, Nívea Cademartori, não entende por que seu cliente foi preso sem que tivesse a chance de se explicar. “Bastaria que a PF intimasse o reitor para depor, o que seria imediatamente atendido. Há uma banalização das prisões temporárias no país.”

Em seus últimos dias, Cancellier chegou a dar sinais de que não abandonaria o ringue. Em artigo publicado no jornal *O Globo* em 28 de setembro, quatro dias antes do suicídio, saiu em defesa própria e dos demais professores presos: “A humilhação e o vexame a que fo-

mos submetidos há uma semana não têm precedentes na história da instituição”. O reitor também tentou recorrer da proibição de pisar no câmpus. Alegou que, como orientava teses de mestrado e doutorado, não podia deixar os alunos à deriva. A resposta da Justiça veio no sábado 30 de setembro, dois dias antes do suicídio: Cancellier estava autorizado a entrar na UFSC por três horas em um único dia. A decisão o devastou. “Como pode?”, perguntava. “Se demorar um minuto a mais, serei preso?”

A humilhação a conta-gotas ajudou a reforçar o quadro de stress pós-traumático do reitor, como a psiquiatria define a reação descontrolada do cérebro diante de um evento que está além de sua capacidade de absorção. “É como se o sistema de defesa do organismo entrasse em pane”, compara o psiquiatra Marcelo Fleck, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Maria Oquendo, uma porto-riquenha baixinha que se tornou um gigante da psiquiatria americana e autoridade mundial em suicídio, diz que é difícil evitar a morte de vítimas desse tipo de stress. Elas nunca falam em suicídio, embora pensem no assunto constantemente. Um trauma como o que con-

sumiu o reitor vira motivo de obsessão — mas, de acordo com as estatísticas, raramente conduz ao atentado à própria vida.

O reitor foi um dos raros casos. Na véspera de seu suicídio, sabe-se hoje, já estava tudo calculado. Ele recusou o convite dos irmãos para assistir a uma partida de futebol em que o clube de coração da família, o Hercílio Luz, tinha chance de voltar à elite catarinense. Preferiu sair com o filho Mikhail. Almoçaram, ele quis ver se estava tudo em ordem em sua casa, mas recusou-se a ficar para uma sessão de filmes na TV. “Preciso descansar”, despistou. Em vez de descansar, foi ao shopping em que morreria, assistiu a um filme e levou consigo a chave do apartamento, de modo a forçar seu irmão Acioli a dormir em outro lugar. Queria ficar sozinho na última noite. As cinzas de cigarro espalhadas pelo apartamento mostram que fumou ferozmente, quebrando a abstinência imposta pelo cardiologista. Escreveu quatro bilhetes. Um para o filho, outro para os irmãos, um terceiro para um amigo e o quarto carregou no próprio bolso. É o único cujo conteúdo é conhecido. “A minha morte foi decretada quando fui banido da universidade!!!”, diz o bilhete, com a ênfase dos



três pontos de exclamação. No dos irmãos, referiu-se à imensidão do amor pelos dois, mas disse que a dor que o dilacerava era maior que tudo. Deixou bilhetes e documentos separados em uma pequena caixa no escritório de casa, encontrada por Mikhail. O filho disse: “O pai cumpriu a missão aqui”.

Até hoje, sabe-se apenas que o “esquema criminoso” durou principalmente de 2005 a 2015, quando Cancellier nem estava na reitoria. A Capes, que investigou o assunto, diz que o “esquema criminoso” era uma coleção de pequenas falcatruas de servidores escroques, sem a dimensão que se divulgou. O coordenador do programa do ensino a distância da Capes, Carlos Lenuzza, não revela detalhes da investigação, mas adianta: “Os valores dos desvios são muito distantes daquilo que se falou”. Até agora, um mês depois do suicídio do reitor, ninguém foi acusado formalmente de nada, e a polícia não chegou ao valor real que foi desviado. Ao ver a notícia do suicídio na TV, Zé, o garçom, desabou. Nem sabia que o amigo de toda a vida era reitor. ■

Colaborou Maria Clara Vieira

CLIPPING DIGITAL

[UFSC Campus Araranguá promove dia da consciência Negra](#)